

# A crônica jornalística em uma perspectiva sócio-retórica: organização textual e processo de produção

Juliana Bernardini Francischini<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Mestrado em Ciências da Linguagem - Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

jbernar@gmail.com

**Resumo.** Este trabalho relata a fase inicial de uma pesquisa que tem como objeto a análise do gênero crônica jornalística na perspectiva teórica da sócio-retórica. O objetivo deste estudo é identificar as características recorrentes dos conceitos de “crônica”, presentes na literatura acadêmica (teoria literária) e nos manuais e dicionários de comunicação social, e como esses conceitos se relacionam com as crônicas publicadas no jornal. A pesquisa se enquadra nos procedimentos metodológicos da perspectiva sócio-retórica de análise de gênero de Paré e Smart (1994), Swales (1990), Bazerman (2006) e Bonini (2004). Os resultados apontam para uma renovação na maneira de se produzir crônicas nos dias atuais e indicam múltiplas formas de expressão lingüística na crônica jornalística. Este espaço, deve ser digitado o resumo em português. A palavra “resumo” deve ficar no início, em negrito, seguida de ponto final.

**Resumen.** Este documento informa la fase inicial de una investigación que tenga como objeto el análisis de género en la crónica periodística en la perspectiva teórica del socio-retórico. El objetivo de este estudio es identificar las características recurrentes de los conceptos de "crónica", en la literatura académica (teoría literaria) y en manuales y diccionarios de la comunicación social, y cómo estos conceptos se relacionan con las crónicas publicadas en el periódico. La investigación se inscribe en los procedimientos metodológicos del socio-retórico de análisis de género de Paré y Smart (1994), Swales (1990), Bazerman (2006) y Bonini (2004). Los resultados apuntan a una renovación en la forma de producir crónicas en los días actuales y muestran las múltiples formas de expresión lingüística en la crónica periodística.

**Palavras-chave:** crônica; sócio-retórica; regularidades; processo de produção

## 1. Introdução

Este trabalho relata a experiência oriunda da fase inicial de uma pesquisa desenvolvida como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). A referida pesquisa tem como objeto a análise do gênero crônica jornalística na perspectiva teórica da sócio-retórica, e pretende identificar a estrutura retórica do gênero crônica, além dos aspectos de seu processo de produção mediante o levantamento do conjunto de gêneros e do sistema de atividades envolvido. Este estudo surgiu como uma contribuição para as pesquisas já em andamento no Projeto Gêneros do Jornal (PROJOR), que tem se desenvolvido na UNISUL desde 2003.

Este trabalho, mais especificamente, apresenta os critérios para a classificação do gênero crônica e os mecanismos lingüísticos que a caracterizam. Relata as situações encontradas nas etapas iniciais da pesquisa no que diz respeito aos conceitos de crônica disponíveis na literatura acadêmica (teoria literária) e nos manuais e dicionários de comunicação social, e de como o *corpus* analisado se relaciona com tais conceitos.

A pesquisa se enquadra na orientação retórica de análise de gênero desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e Canadá por teóricos como Carolyn Miller, John Swales e Charles Bazerman, que voltam suas atenções para o caráter social do gênero. Esses teóricos, além de examinar aspectos lingüísticos do texto, observam o texto em determinada situação social recorrente, com suas repetidas atividades sociais, que surge em resposta a situações sociais também recorrentes. Os procedimentos metodológicos se enquadram na perspectiva sócio-retórica de análise de gênero de Paré e Smart (1994), Swales (1990), Bazerman (2006) e Bonini (2004).

O *corpus* é composto por crônicas do jornal Zero Hora, produzido em Porto Alegre/RS, pelo grupo RBS; no período de aproximadamente um mês (de 13/05/2008 a 18/06/2008).

Além de ser importante por propiciar um melhor entendimento das práticas jornalísticas, esse estudo acrescenta um outro foco de observação em relação ao gênero, uma vez que não foram encontrados trabalhos ou pesquisas que apresentem uma análise da crônica jornalística nessa perspectiva teórica. A pesquisa também poderá ser empregada, em termos de seus resultados, no ensino de linguagem, visando desenvolver entre os aprendizes (alunos de Jornalismo e de Ensino Fundamental e Médio) o conhecimento do gênero e a capacidade de produzir crônicas.

O texto que segue divide-se em três partes. Primeiramente foi feita uma revisão da literatura da abordagem sócio-retórica de Swales e de Bazerman. Também há uma revisão de literatura da crônica. Na seqüência, há uma descrição da metodologia utilizada. Por fim, são apresentados os resultados da pesquisa e os comentários finais.

## **2. Quadro teórico da sócio-retórica**

Swales (1990) considera que não há como entender e interpretar um texto apenas por meio de uma análise lingüística. Para ele, o texto deve ser visto em seu contexto, ou seja, o conhecimento do gênero depende de conhecimentos que vão além do texto, como, por exemplo, a comunidade discursiva, seus valores, suas práticas e expectativas. A partir desse pensamento, Swales (1990) definiu o conceito de gênero.

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha focado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm

nomes herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém normalmente precisam de validação adicional (Swales, 1990, p. 58 *apud* HEMAIS, B; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 114-115).

O estudo do gênero textual na perspectiva sócio-retórica de Swales (1990) considera o conceito de comunidade discursiva, uma vez que os gêneros, ao mesmo tempo, compõem e são componentes de uma comunidade discursiva. Resumidamente, para o autor, uma comunidade discursiva é formada por um grupo de pessoas que se reúnem em torno de objetivos comunicativos comuns, mas que não necessariamente compartilham o mesmo lugar físico.

As pesquisas de Swales deram origem a um modelo de análise da organização retórica de introduções em artigos de pesquisa – modelo CARS (*create a research space* – criando um espaço de pesquisa), que consiste em apontar a regularidade dos movimentos retóricos presentes nos gêneros analisados.

Charles Bazerman emprega a mesma perspectiva de gênero desenvolvida por Carolyn Miller: a noção de gênero como ação social. Essa noção entende que o gênero, seja ele oral ou escrito, tem o objetivo de atingir determinado propósito numa determinada situação social. Para Miller (1994), toda ação humana deve ter um motivo, quer dizer, socialmente deve haver um propósito para que determinada pessoa faça determinada coisa. O propósito do gênero não é do indivíduo, mas do social, algo construído socialmente.

O conceito de gênero desenvolvido por Miller possui duas noções-chave: *recorrência* e *ação retórica*. Para Miller (1994, p.24) o gênero é uma “ação retórica tipificada”, ou seja, ela entende gênero como o processo da realização de atividades recorrentes e estabelecidas socialmente.

Nesse conceito de gênero proposto pela autora, as situações retóricas são recorrentes e podem ser tipificadas. Para ser recorrente, o gênero deve estar relacionado às ações recorrentes e ser percebido e compartilhado socialmente. O *tipo* pode ser entendido como um elemento dentro de uma classificação, ou seja, para construir seu dia-a-dia, as pessoas criam tipos e denominações. As tipologias vão sendo criadas dentro das especialidades, por exemplo: uma locadora de vídeos separa os filmes por gênero (drama, comédia, ação, suspense, etc.).

Essa definição de gênero proposta por Miller aponta para critérios pragmáticos como características demarcadoras dos gêneros, uma vez que o nível pragmático daria conta do que as pessoas realmente fazem. A situação retórica permite ou obriga determinada forma de comunicação, determinada forma de agir, ou seja, a linguagem posta em determinado meio exige que a pessoa aja de determinado modo, fazendo uso de determinado gênero.

Bazerman também emprega a noção de gênero como ação social, observando as regularidades das situações recorrentes. Para ele,

uma forma textual que não é reconhecida como sendo de um tipo, tendo determinada força, não teria *status* nem valor social como gênero. Um gênero existe apenas à medida que seus usuários o reconhecem e o distinguem (BAZERMAN, 1994, p. 81 *apud* CARVALHO, 2005, p. 135).

Para ele, os textos possuem características sinalizadoras e distintivas que permitem a sua identificação. Porém, identificar os gêneros apenas através de suas características textuais não é suficiente, basicamente por quatro motivos: primeiro porque limita a compreensão unicamente para textos que já são conhecidos. Segundo, porque ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção dos sentidos, ignora as diferenças de percepção e compreensão de cada pessoa. Em terceiro lugar, porque tais características podem levar à impressão de que esses elementos do texto são fins em si mesmos, ao invés de serem consideradas a função que ele desempenha. Quarto: essa visão que concebe os gêneros através de suas características esconde como esses elementos característicos são maleáveis, podem se transformar, se modificar, evoluir (BAZERMAN, 2006, p. 39-40).

Nas palavras de Bonini, Biasi-Rodrigues e Carvalho (2006), “Bazerman propõe que o gênero seja visto como elo em um sistema de atividades” (p. 196). Assim, a sociedade é vista como um conjunto de rotinas realizadas por um conjunto de atividades e de gêneros.

Bazerman (2006) afirma que

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos (p. 31).

Para mostrar como os gêneros se enquadram em organizações, papéis e atividades mais amplas, Bazerman (2006, p. 32) propõe a utilização de alguns conceitos, quais sejam: conjunto de gêneros, sistema de gêneros e sistema de atividades.

Um *conjunto de gêneros*, termo cunhado por Devitt (1991), é o conjunto de textos que alguém, numa determinada função, tende a produzir. Bazerman diz que, ao catalogar todos os gêneros que um profissional produz, poder-se-á identificar uma parte significativa do seu trabalho e, junto com isso, identificar quais as capacidades e habilidades necessárias para a realização de tais gêneros.

A realização de um gênero passa obrigatoriamente pela realização de algumas atividades, ou seja, até um gênero estar definitivamente pronto para publicação, ou até o gênero ser proferido (no caso dos gêneros orais), são necessárias uma série de tarefas e afazeres que tornam possível a realização dos gêneros. Esse conjunto de atividades Bazerman denominou *sistema de atividades*. Já que a linguagem serve para realizar coisas, o sistema de atividades mostra o que as pessoas fazem e como os gêneros ajudam as pessoas a fazê-lo. “Considerar o sistema de atividades permite [...] compreender o trabalho total realizado pelo sistema e como cada texto escrito contribui para o trabalho como um todo” (BAZERMAN, 2006, p. 43, grifo do autor).

### 3. A crônica como gênero jornalístico

Ao longo dos anos, a crônica sempre teve presença marcante e ocupou lugar de destaque nos jornais brasileiros. Em um estudo feito em 1995, Chaparro (1998) mostra que, com o passar do tempo, a crônica alcançou grande relevância e se fixou como um gênero forte no Brasil.

Para José Marques de Melo, a crônica representa um gênero tipicamente brasileiro, sendo que ele a define como “relato poético do real”, significando para os leitores contemporâneos “um espaço ao mesmo tempo de reflexão e deleite sobre os fatos cotidianos, habilmente captados por jornalistas capazes de expressá-los de forma amena e crítica” (MELO, 2004).

Os principais trabalhos da área de comunicação relacionados ao estudo, à identificação e à classificação dos gêneros jornalísticos são os de Beltrão (precursor) (*apud* MELO, 2003b), Melo (2003b) e Chaparro (1998). Beltrão classifica os gêneros jornalísticos em três categorias funcionais: jornalismo informativo, jornalismo interpretativo e jornalismo opinativo, de acordo com as funções informar, explicar e orientar (*apud* MELO, 2003b, p. 60). Baseado em Beltrão, Melo (2003b), ao propor uma classificação dos gêneros próprios do jornalismo brasileiro, adota dois critérios: a informação (saber o que passa), e a opinião (saber o que se pensa sobre o que se passa). A partir desses critérios, classifica os gêneros em jornalismo informativo e jornalismo opinativo.

Tanto Beltrão quanto Melo classificam a crônica como um gênero opinativo, ou seja, está associada à produção de opinião. Para Melo a crônica faz parte de um grupo de gêneros:

Que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas funções: autoria (quem emite opinião) e “angulação” (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião) (MELO, 1985, p. 48).

Para Chaparro (*apud* Bonini, 2003), os gêneros jornalísticos se classificam entre o relato e o comentário, “pois estes termos correspondem socialmente às duas principais ações jornalísticas: relatar a atualidade e comentar a atualidade” (BONINI, 2003, p. 215). Na classificação de Chaparro (1998), a crônica seria um gênero de comentário de espécie argumentativa. Essa concepção de gênero é diferente da adotada pelos autores na área de Linguística Aplicada e, portanto, diversa da que adotamos na presente pesquisa.

O estudo feito por Bonini (2003) sobre os gêneros do jornal, em que o autor se utilizou de manuais de estilo, dicionários de comunicação e da literatura acadêmica da área da comunicação, resultou em um inventário dos gêneros jornalísticos. Nesse inventário de gêneros, a crônica foi classificada como um gênero periférico. Para Bonini (2003), os gêneros periféricos se opõem aos centrais à medida que, diferentemente desses primeiros, que cumprem as funções principais do jornalismo (relatar e debater fatos), esses segundos “estão relacionados a propósitos sociais/comunicacionais que incidem sobre o jornal, como os de promover produtos e pessoas, divertir, educar, cumprir normas legais, contratar pessoal, etc.”.

Para Chaparro (1998, p. 77), basicamente são quatro os gêneros do jornalismo impresso: a reportagem, o artigo, a entrevista e a notícia. Porém, no jornalismo brasileiro, mais dois gêneros possuem forte identidade: a **crônica** e a coluna. O autor diz que “a crônica é tempero próprio e permanente do jornalismo brasileiro” (CHAPARRO 1998, p. 90).

### 3.1. O gênero crônica jornalística na literatura acadêmica

Segundo Moisés (1967), o vocábulo “crônica” originário do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), ao latim *chronica*, designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados em seqüência cronológica. Na França do final do século XVIII e início do século XIX, o vocábulo perdeu sua conotação historicista e passou a ter sentido literário. Beneficiando-se da ampla difusão da imprensa na época, a crônica fixou-se ao jornal em 1799, no *Journal de Débats*.

Para Afrânio Coutinho (*apud* MELO, 2003b), a crônica surgiu no Brasil em 1852, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, com o nome de “folhetim”. Folhetim, do francês *feuilletons*, designava um espaço reservado pelos jornais, geralmente o rodapé (*rez-de-chaussé* – rés-do-chão) da primeira página, para o registro de questões semanais e do dia-a-dia (questões políticas, sociais, literárias, etc.) cuja redação era confiada a escritores (poetas e ficcionistas). Ali, Francisco Otaviano assinava o folhetim semanal. A partir de Otaviano, a crônica passou a ser utilizada e cultivada por escritores como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Coelho Neto, Machado de Assis, etc. Os estudiosos literários explicam que os escritores da época não tinham como se sustentar apenas através da literatura, e viam no jornal uma fonte de renda.

Entre 1900 e 1920 a crônica expandiu-se com Paulo Barreto. João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) notou que a modernização impunha uma mudança da parte dos que escreviam suas notícias diárias da cidade. Dessa forma, ao invés de ficar na redação à espera do que poderia se tornar notícia, passou a percorrer o Rio de Janeiro em busca de fatos para investigar e assim dar vivacidade ao próprio texto. Nas palavras de Cremilda Medina: “João do Rio desenvolveu uma característica primária do jornalismo moderno – buscar informações na rua” (*apud* PEREIRA, 2004, p. 126). Além disso, João do Rio mudou o enfoque, a linguagem e a estrutura folhetinesca, dando à crônica um aspecto mais “literário”.

A crônica feita no Brasil a partir dos anos 30, enriquecida e difundida principalmente por escritores como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, é uma continuação do que Machado de Assis, José de Alencar, mas principalmente João do Rio, solidificaram no jornalismo. Para Antônio Cândido “foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas” (CÂNDIDO, 1992, p. 17). O autor afirma que há um traço comum nos cronistas dessa época: escrevem como se estivessem despreocupados, como se fosse uma “conversa fiada”, no entanto, “não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (CÂNDIDO, 1992, p. 18). A crônica da década de 30, a que Antônio Cândido se refere, caracteriza-se por registrar a notícia jornalística com profunda sensibilidade e revelar as concepções do seu autor em relação ao mundo e as coisas do mundo.

No jornalismo brasileiro do séc. XX, a crônica se tornou um gênero de grande reconhecimento e ampla ocorrência, possibilitando a alguns estudiosos afirmarem se tratar de um gênero tipicamente brasileiro, não havendo similares no jornalismo de outros países.

Paulo Rónai afirma que

Para qualquer brasileiro a palavra *crônica* tem sentido claro e inequívoco, [...] designa uma composição breve, relacionada com a atualidade, publicada em jornal ou revista. De tal forma esse significado está generalizado que só mesmo os especialistas em historiografia se lembram de outro, bem mais antigo, o de narração histórica por ordem cronológica (1971, *apud* MELO, 2003b, p. 148).

Ainda que originária da França, assim como outras manifestações literárias do século XIX, no Brasil, a crônica assumiu características que lhe são peculiares, ou seja, sem semelhanças com nenhum outro gênero. Nas palavras de Brito Broca,

estamos criando uma nova forma de crônica (ou dando erradamente este rótulo a um gênero novo) que nunca medrou na França. Crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc., afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses (1958, *apud* MOISÉS, 1967, p. 102).

Segundo Melo (2003b), a crônica predomina no Brasil como sendo um relato poético da realidade, situado na fronteira entre a informação e a narração literária, o que não ocorreria em outros países, onde a crônica estaria mais vinculada ao relato cronológico de narração histórica.

Para Melo, atualmente a crônica se configura como gênero eminentemente jornalístico e possui duas características fundamentais:

- 1) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva.
- 2) Crítica social, que corresponde a 'entrar fundo no significado dos atos e sentimentos do homem'. Diz Antônio Candido que essa tarefa o cronista realiza de modo dissimulado, pois ele mantém o 'ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência'. Esse é um traço essencial da crônica moderna, que assume o ar de 'conversa fiada', de apreciação irônica dos acontecimentos... (MELO, 2003b, p. 156).

Moisés (1967) aponta duas características essenciais da crônica: a brevidade - a crônica é um texto curto, conciso; e a subjetividade - o foco narrativo situa-se na 1ª pessoa do singular (eu). Em relação à linguagem, é direta, espontânea, dialógica, jornalística, de imediata apreensão e metafórica. Os temas são do cotidiano.

O autor também faz alguns apontamentos sobre o estilo do cronista. Para ele, é por meio do estilo que a crônica se sustenta: "Cronista sem estilo parece incongruência" (1967, p. 117). Nesse caso, o estilo é entendido como um idioleto, ou seja, como características da linguagem pessoal do cronista. Moisés (1967) entende que o estilo

seria uma espécie de instrumento da visão de mundo do cronista, não estando relacionado à estruturação ou ordenação sintática.

Ambigüidade, brevidade, subjetividade, diálogo, estilo entre oral e literário, temas do cotidiano, ausência de transcendente, – eis os requisitos essenciais da crônica, a que falta adicionar tão-somente um outro, anteriormente mencionado: a efemeridade. A crônica destina-se ao consumo diário, como nenhuma outra obra que se pretenda literária (MOISÉS, 1967, p. 119).

Jorge de Sá (1992) afirma que o princípio básico da crônica, princípio este estabelecido por Pero Vaz de Caminha na carta escrita ao rei D. Manuel, é registrar o circunstancial. “A história da nossa literatura se inicia, pois, com a circunstância de um descobrimento: oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica” (SÁ, 1992, p. 7).

Quanto aos assuntos que merecem uma crônica, o autor diz que o cronista tem seu “momento de escrever”. Ele até pode receber uma inspiração, mas acima de tudo é um escritor que busca, que pesquisa, que seleciona, que trabalha o texto até que ele esteja pronto para ser publicado.

esse lado artístico exige um conhecimento técnico, um manejo adequado da linguagem, uma inspiração sempre ligada ao domínio das leis específicas de um gênero que precisa manter sua aparência de leveza sem perder a dignidade literária. Pois só assim o cronista pode aspirar à transformação do episódico em alguma coisa mais duradoura, mais exemplar (SÁ, 1992, p. 22).

Reiterando, a crônica é um texto breve, curto, justamente para leitores de jornal, que normalmente não têm muito tempo para ler, mas gostam de encontrar no meio de tanta notícia séria, de tantos assuntos graves, uma pausa amena, sensível, um espaço descompromissado, pessoal. Drummond disse se referindo à crônica:

O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade [...]. (DRUMMOND DE ANDRADE, 1978 *apud* MELO, 2003b, p. 155-156)

Atualmente, a crônica possui lugar fixo no jornal e o cronista é como se fosse um amigo íntimo com quem o leitor conversa e compartilha opiniões, troca experiências do dia-a-dia. O cronista pode ser alguém que toca profundamente os sentimentos do leitor em relação a experiências que todos conhecem de alguma forma, que tanto pode ser um fato que é notícia, ou, então, coisas da vida pessoal de quem escreve, e que sendo questões humanas, são muitas vezes compartilhadas por quem lê. Em relação a isso, Wellington Pereira entende que no jornalismo a crônica pode ser definida como

um gênero de autonomia estética que abriga as várias manifestações da linguagem, cuja característica principal é reescrever os acontecimentos cotidianos de forma que os seus significados não sejam impostos ao leitor (PEREIRA, 2004, p. 164).

### 3.2. O gênero crônica jornalística nos dicionários e manuais de comunicação social

Ao investigarmos o gênero textual “crônica jornalística”, é necessário buscar sua conceituação na área da comunicação.

O *Dicionário de Comunicação* de Rabaca e Barbosa é considerado nos meios profissionais e acadêmicos como a principal obra de referência das atividades ligadas à Comunicação em língua portuguesa. Sua edição reúne mais de sete mil definições das palavras usadas na área da Comunicação, entre elas o Jornalismo. Nele a crônica é definida da seguinte maneira.

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura; “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. O ponto comum entre a crônica e a **notícia** ou a **reportagem** é que o **cronista**, assim como o **repórter**, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “paira” sobre os fatos, “fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal (onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor”. Na crônica, porém, o juízo de valor confunde-se com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do **editorial**, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto (p. 201, grifos do autor).

O *Dicionário de Jornalismo*, de Fernando Cascais (uma obra portuguesa), reúne conceitos e técnicas do jornalismo e define a crônica como

a peça de opinião mais personalizada entre os gêneros jornalísticos. Difícil de definir nos seus contornos, a crônica é um conceito que tem sido correntemente aplicado a intervenções jornalísticas diversificadas (crônica do jogo de futebol, crônica de viagem, etc.). Mas a crônica é uma peça (imprensa ou individual) que transmite a perspectiva pessoal do seu autor e cuja liberdade do tema deve apenas ser condicionado pelo seu interesse para os outros, isto é, a crônica é um texto personalizado mas o seu tema não é pessoal. É também a escrita jornalística de recorte mais literário, mas condicionada à clareza que o texto jornalístico deve sempre manter. [...] E como escreveu Eça de Queiroz (*Prosas Esquecidas II*, edição de 1965): “A crônica é como que a conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas, sem sistema nem nexos, espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade [...] (CASCAIS, p. 63-64).

A fim de traduzir em normas a sua concepção de jornalismo, a empresa jornalística *Folha de São Paulo* criou o seu manual de redação. Esse manual não apenas impõe regras gramaticais e de padronização da linguagem, mas dá ao jornalista noções de produção gráfica e define conceitos. O *Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo* traz a seguinte definição para crônica: “Gênero em que o autor trata de assuntos cotidianos de maneira mais literária que jornalística. Pode ser também um pequeno conto. É sempre assinada” (p. 66).

A crônica pode ser considerada um gênero híbrido, isto é, move-se entre o jornalismo e a literatura, entre o real e o imaginário; já que é resultante da visão pessoal (subjetiva) do cronista em relação a um assunto corrente ou fato ocorrente na sociedade.

#### 4. Procedimentos metodológicos

Procurando examinar aspectos lingüísticos que vão além do texto, os teóricos Paré e Smart (1994) perguntam: “o que, além de textos, são os elementos constitutivos observáveis de um gênero? E quais são as relações entre os elementos?” (PARÉ; SMART, 1994, p. 146).

Em busca de respostas, Paré e Smart (1994) se baseiam em Bazerman (1988), para quem

um gênero está associado a um padrão de regularidade que inclui não só características repetidas em vários textos, mas também regularidades na produção e na interpretação desses textos e nas relações sociais de escritores e leitores (PARÉ; SMART, 1994, p. 146).

e definem quatro dimensões recorrentes dos gêneros: “um conjunto de textos, os processos envolvidos na criação destes textos, as práticas de leitura utilizadas para interpretá-los, e os papéis sociais dos escritores e leitores” (PARÉ; SMART, 1994, p. 146).

A metodologia proposta por Paré e Smart (1994) engloba quatro aspectos; no entanto, esta pesquisa irá ater-se a apenas dois desses aspectos, abaixo especificados e sintetizados por Carvalho (2005, p. 136-137):

- 1) conjunto de textos: “uma análise dos movimentos retóricos de textos pertencentes a um mesmo gênero [SWALES, 1990] seria um dos caminhos para que se pudesse verificar a existência de regularidades na organização da informação”;
- 2) processos de composição dos textos: “o evento deflagrador da produção do texto; as fases de coleta e análise de informações para compô-lo; a escrita propriamente dita (e reescrituras também); as atividades realizadas em conjunto (como, por exemplo, a revisão de diversas versões por outrem); e, finalmente, que tecnologia de produção, bem como suas implicações, é utilizada — processadores de texto, máquinas de escrever, etc.”;

Dentro desse enquadramento, a pesquisa, complementarmente, procurará determinar o conjunto de gêneros e o sistema de atividades (BAZERMAN, 1994) que emerge na produção da crônica.

Para complementar a pesquisa, será utilizada a noção de microanálise, da proposta metodológica de análise de gêneros jornalísticos apresentada por Bonini (2004), procurando determinar a constituição do gênero crônica a partir da maneira como esse gênero aparece no jornal. Embora Bonini (2004) tenha proposto uma série de procedimentos aplicados de modos inversos (do macro para o micro e do micro para o macro), estou considerando aqui apenas essas noções e percursos, mas não os procedimentos em si, uma vez que eles já estão implícitos no enquadre metodológico apontado acima. Nesta pesquisa, a relação do gênero crônica com o jornal será levantada, mediante a determinação de seus lugares no jornal.

## 5. Resultados das análises

A primeira etapa da pesquisa consiste na coleta do *corpus*. Mas, para isso, precisava ter um conceito claro do que seria o gênero crônica. Partindo de uma análise sócio-retórica iniciei um estudo minucioso dos conceitos de crônica disponíveis tanto na literatura acadêmica (teoria literária) quanto nos manuais e dicionários de comunicação em busca de um padrão de regularidade. Nessa fase da análise, o objetivo era buscar um bom conceito que contemplasse de modo adequado as características da crônica e a partir desse conceito bem definido coletar o *corpus* a ser trabalhado.

Nesse momento deparei-me com um problema. Ocorre que tais conceitos são, de modo geral, pouco consistentes, imprecisos e vagos, o que torna difícil a classificação do gênero, já que as características presentes nos conceitos de crônica também podem corresponder a outros textos do jornal, como, por exemplo, o comentário, o editorial, o artigo assinado, o conto.

De qualquer forma, seguindo os procedimentos de análise da sócio-retórica, procurei classificar os traços mais recorrentes nas definições e conceitos de crônica. Esse trabalho de análise resultou no quadro abaixo:

<b>Características presentes em “todas” as definições, ou seja, recorrentes em todos os conceitos</b>	<b>Características recorrentes na maioria das definições, mas não em todas</b>
- texto escrito para o jornal;	- texto curto (breve);
- texto pessoal, normalmente escrito em 1ª pessoa (subjeto);	- utiliza linguagem literária e jornalística;
- utiliza temas do cotidiano, normalmente relacionados com a atualidade.	- espaço para reflexão e crítica social (texto opinativo);
	- liberdade de estilo

**Quadro 1. Características recorrentes nos conceitos de crônica**

A partir do resultado das análises das características recorrentes dos conceitos de crônica, exposto no quadro acima, iniciei a coleta do *corpus* em busca de textos que apresentassem tais características. Porém, a análise dos textos do jornal Zero Hora apontou que em muitos casos fica difícil atribuir ao texto a qualidade de crônica, comentário, coluna, conto e artigo assinado, uma vez que a linha limítrofe entre esses gêneros é bastante tênue, ou seja, são textos muito parecidos.

Para resolver essa situação, um dos critérios utilizados para a escolha do *corpus* foi considerar apenas os textos dos escritores que se auto-denominam cronistas, ou que o próprio jornal considera como cronistas. Para isso, entrei em contato, por e-mail, com o Diretor de Redação do jornal Zero Hora solicitando algumas informações. Entre elas, pedi que informassem quais são os cronistas fixos do jornal, ou seja, quais os escritores que escrevem crônicas para publicação no jornal Zero Hora.

A partir do retorno, via e-mail, dado pelo jornal, utilizei como critério e passei a analisar apenas os textos dos escritores apontados pelo jornal como cronistas. São 21 cronistas fixos:

- cronistas do *Segundo Caderno*: Luiz Antonio de Assis Brasil, Kledir Ramil, Luis Augusto Fischer, Cláudio Moreno, Sergio Faraco, Diana Corso, Luis Pilla Vares,

Leticia Wierzchowski, Ricardo Silvestrin, José Pedro Goulart, Liberato Vieira da Cunha, Nilson Souza, Antonio Augusto Fagundes.

- cronistas do *Primeiro Caderno* (e outros cadernos): Paulo Sant'Anna, Luis Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar, Martha Medeiros, Cláudia Laitano, David Coimbra, Mário Marcos e Celso Loureiro Chaves.

Na etapa seguinte, analisando os textos dos cronistas indicados pelo jornal e tendo como base as características mais recorrentes da crônica, passei a comparar os exemplares buscando o que tinham em comum e o que não tinham (similaridades e diferenças).

Essa análise aponta para uma diversidade na maneira de compor a crônica jornalística, nos dias atuais. Os textos do *corpus* mostram que há vários tipos de crônica, várias maneiras de escrever uma crônica, ou seja, não há uma forma fixa, rígida. O cronista age com flexibilidade e independência, possui plena liberdade para criar.

O autor da crônica pode se colocar no centro da narrativa e escrever sobre suas percepções em relação a um tema qualquer, falando daquilo que vê, daquilo que sente, de suas opiniões, fazendo uma espécie de reflexão. Nesse caso, a Martha Medeiros é um exemplo. Também pode ser um texto em que o autor cria personagens e conta uma narrativa, uma pequena história. Este tipo é muito parecido com o conto. São as crônicas do Luis Fernando Veríssimo, do Moacyr Scliar e do David Coimbra, por exemplo. Há também o texto em que o cronista escreve de maneira muito pessoal sobre um fato noticioso, se reportando ao leitor, esse texto é muito próximo do comentário. Nesse caso, o Ricardo Stefanelli e o Paulo Sant'ana podem ser tomados como exemplo.

Dependendo do texto, do estilo e do objetivo, o cronista pode utilizar uma linguagem mais formal, ou então utilizar uma linguagem mais coloquial, dialogal. Alguns cronistas possuem um estilo próprio muito forte e bastante marcado no texto.

A pesquisa também revelou que a crônica possui seu próprio espaço no jornal. O jornal reserva um local específico para publicação das crônicas distribuídas entre os cadernos. Por exemplo: a página 3 do caderno *Informe Especial*, a página 6 do *Segundo Caderno*, entre outras. Segundo informação prestada pelo próprio jornal, o conteúdo das crônicas e estilo são livres, de acordo com a elasticidade que o gênero crônica permite. O jornal publica pelo menos três crônicas todos os dias. Na edição dominical, esse número sobe para cinco.

As análises feitas até o presente momento revelam que geralmente não existe relação entre o tema abordado pelo cronista e um assunto que é notícia. Alguns cronistas como a Martha Medeiros e o Moacyr Scliar costumam se informar sobre a pauta do Caderno *Donna* (e do *Caderno Vida*, no caso do Scliar). Se o assunto tem especial interesse para os cronistas, eles podem escrever sobre o tema, mas não é uma regra rígida. A decisão é, a cada semana, do próprio cronista.

Quanto ao processo de produção, até o momento consegui contato, por telefone, com o cronista David Coimbra, que escreve de três a quatro crônicas por semana para o jornal Zero Hora. Questionei-o sobre como surge o tema, o assunto da crônica. Ele respondeu-me que está sempre procurando algo interessante, é uma busca constante. Para ele, tudo pode ser interessante, dependendo do olhar, do foco que se dá. Nas crônicas publicadas nas sextas-feiras, no *Informe Especial*, ele procura escrever sobre

algo mais reflexivo, mais opinativo. Já nos outros dias, procura contar como ele mesmo diz uma “história interessante ou que possa interessar”.

Em relação ao processo de produção da crônica, questionei-o sobre o que é feito, e como é feito, desde o surgimento da idéia até o texto estar pronto para publicação. Ele disse-me que sempre anota e guarda tudo o que pode se tornar uma boa história. No caso do David, a escrita do texto é feita na própria redação do jornal, já que trabalha como editor executivo de esportes, além de cronista. Durante o processo de escrita, ele revelou que muitas vezes o texto é descartado, ou seja, começa a escrever com determinado propósito e depois acaba mudando; ou inicia o texto com um objetivo, uma determinada história, e durante a escrita acaba mudando de idéia; ou então arquiva/guarda aquele texto pra utilizar em outro momento, melhorando-o ou modificando-o. O escritor afirmou que escreve e reescreve o texto muitas e muitas vezes até estar pronto para publicação, deixando claro que o processo de produção é fortemente marcado pela reescrita. Quanto à revisão textual, o cronista informou que ele mesmo revisa o próprio texto.

David Coimbra relatou, também, que tem total autonomia quanto à escolha do assunto e do estilo. O jornal nunca corta ou descarta seus textos. Questionado se faz algum tipo de pesquisa para escrever seus textos ele respondeu afirmativamente. Disse que faz muita pesquisa, consulta várias fontes, lê muito, compra muitos livros (sobretudo livros de História), possui uma vasta biblioteca. Os textos do David, obviamente, trazem muitas marcas dessas leituras.

## 6. Comentários finais

A experiência aqui relatada, fruto das primeiras revelações de uma pesquisa que está apenas começando, é resultado de uma análise sócio-retórica tanto dos conceitos de crônica presentes na teoria literária e nos manuais e dicionários de comunicação, como das crônicas publicadas no jornal Zero Hora.

A fase inicial da pesquisa possibilitou que eu entendesse a crônica como sendo um texto jornalístico cuja marca principal é a autoria, ou seja, a individualidade, a personalidade. Cada cronista, de modo geral, possui um estilo próprio de fazer crônicas, utilizando uma linguagem particular e uma maneira pessoal de trabalhar o texto, alternando entre a literatura e jornalismo. Com temática livre, conforme o estilo do cronista a crônica pode se aproximar da ficção e do texto literário, ou emprestar um olhar pessoal (do cronista) para assuntos tratados de forma mais objetiva pelo noticiário, oferecendo ao leitor uma interpretação e/ou reflexão subjetiva.

A análise da crônica jornalística atual, em uma perspectiva sócio-retórica, tornou perceptível uma renovação na maneira de se produzir crônicas, diferente das produzidas em outras épocas em que se consagraram autores famosos como Fernando Sabino, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

Esse estudo foi fundamental para uma melhor compreensão da crônica, tão necessária para que eu pudesse avançar na pesquisa, que tem como objetivo identificar a estrutura retórica do gênero crônica e identificar o conjunto de gêneros e o sistema de atividades envolvido no processo de produção.

## 7. Referências

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONISIO, Ângela. Paiva; HOFFNAGEL, Judith. Chambliss (Org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 19-46.

\_\_\_\_\_. Systems of genres and the enactment of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Eds.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 79-101.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Falco Masucci, 1969.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina/ARI, 1976.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina/ARI, 1980.

\_\_\_\_\_. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp;Com-Arte, 1992.

BIANCHIN, Neila. **Romance-reportagem**: onde a semelhança não é mera coincidência. Florianópolis/SC. Ed. UFSC. p. 38-67, 1997.

BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998. Tese de Doutorado (Doutorado em Lingüística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

BONINI, Adair; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CARVALHO, Gisele de. A análise de gêneros textuais de acordo com a abordagem sócio-retórica. In: LEFFA, V. **Pesquisa em lingüística aplicada**: temas e métodos. Pelotas, RS: Educat, 2006.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?. **Linguagem em Discurso**, Tubarão-SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez., 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: Fundação Casa de Rui Barbosa (Org.). **A Crônica**: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP, 1992. p. 13-22.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

CASCAIS, Fernando. **Dicionário de jornalismo**: as palavras dos media. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 2001.

- CHAPARRO, Manuel. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. Santarém: Jortejo, 1998.
- COSSON, Rildo. **Romance-reportagem**: o gênero. São Paulo, SP: Ed. UnB. p. 11-32, 2001.
- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo. de Faria. **A Literatura no Brasil**. 3 ed. Niterói, RJ: EDUFF, 1986.
- DEVITT, Amy J. Intertextuality in tax accounting. In: BAZERMAN, C.; PARADIS, J. (Eds.). **Textual dynamics of the professions**. Madison: University of Wisconsin Press, 1991. p. 336-357.
- DIMAS, Antônio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? **Littera**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 46-51, set./dez. 1974.
- FOLHA DE S. PAULO. **Novo manual da redação**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998.
- GUARACIABA, Andréa. Crônica. In: MELO, José. Marques de. (Org.) **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992. p. 83-90.
- HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.
- KINDERMANN, Conceição. Aparecida; BONINI, Adair. A reportagem jornalística: uma caracterização inicial do gênero a partir de exemplares publicados no Jornal do Brasil. In: MOTTA-ROTH, D.; BARROS, N. C. A.; RICHTER, M. G. (Orgs.). **Linguagem, cultura e sociedade**. 1. ed. Santa Maria. UFSM, 2006.
- LIMA, Alceu. Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. 2. ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1969.
- MELO, José. Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003a.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: SP: Mantiqueira, 2003b.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: PEREIRA, Wellington. **Crônica**: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso. Salvador, BA: Calandra, 2004. p. 7-10.

MILLER, Carolyn. R. Genre as Social Action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Eds.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994 [1984]. p. 23-42.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária: prosa II**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

MONTEIRO, Daniela. A. S. **O gênero comentário: análise sócio-retórica de exemplares publicados nos jornais Diário Catarinense e Folha de S. Paulo**. 2008. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Linguagem) Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2008.

PARÉ, A.; SMART, G. Observing genres in action: toward a research methodology. In: FREEDMAN, A., MEDWAY, P. (Eds.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 146–154.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso**. Salvador, BA: Calandra, 2004.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de pesquisa**. Rio do Sul: Nova Era, 2006.

RODRIGUES, Rosângela. Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. New York: Cambridge University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. Re-thinking genre: another look at discourse community effects. In: **Rethinking genre colloquium**. Ottawa. Charleton University, 1992. (Texto traduzido)

\_\_\_\_\_. **Other Floors, Other Voices: a textography of a small university building**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1998.